

Querido diário

Hoje, mais uma vez, acordei cansada, morta de sono, após outra noite com muita dor na vesícula. Como não tenho muitas opções, levantei bastante sonolenta, vesti-me e saí para o trabalho.

Na farmácia, poucos pacientes. O sono teimava em me perseguir. O que fazer para não dormir em pleno expediente? Não tinha levado café, bala, nem energético, somente uns polígrafos para estudar. Mas essa não era a melhor opção, pois estudar naquelas condições só ajudaria, e muito, meu adversário: o sono. Então concentrei os pensamentos para inquietar a mente e fazer o danado cérebro sair de sua letargia.

Pensei na obra “O Tempo e o Vento”, na força de Ana Terra, na obstinação de Bibiana, em “um certo capitão Rodrigo”, personagem por quem eu nutria antipatia por ser fanfarrão e mulherengo. Lembrei do quanto era divertido montar com minha mãe a árvore genealógica da família Terra-Cambará, e como fluía nossa discussão sobre a obra, nos fazendo recordar das tramas e histórias.

A literatura é um vasto mundo, abre portas, traz informação, conhecimento, nos transporta para outras dimensões. E, por vezes, isso é muito útil, quando estamos em momentos entediados, como a minha manhã. Porém, entrar para esse mundo não foi nada fácil para mim. Ainda bem que consegui, pois caso contrário, ainda estaria na classificação lenta e preguiçosa de D. Eva, minha mãe.

De fato, eu era lenta, custei a conseguir juntar as letras para formar as palavras e também a ler com desenvoltura. Um pouco preguiçosa também, era mais fácil e divertido brincar a ficar presa aos livros. Acredito que o gosto pela leitura e o aprendizado aflorou não para contentar alguém, mas sim pela curiosidade em entender os textos e narrativas contadas nos doces livros escolares.

As histórias foram me cativando e tudo ficou mais interessante quando fui alfabetizada. Creio que não me faltaram estímulos para ler; no colégio, pelos professores, em casa e na vida. A coleção de livros Vagalume me acompanhou no ensino fundamental. O primeiro livro que li foi “A Ilha Perdida”.

Anos mais tarde, retirava outros volumes na biblioteca, gostava bastante das histórias de mistério, tinha uma sensação muito boa em devolver aquele livro após ter desvendado seus segredos e escolher outro. Em casa, não em minha casa, onde minha mãe trabalhava como doméstica e onde morávamos, tinha muitos livros. Eu adorava ficar lendo seus títulos. Também tinha uma enciclopédia que era usada para fazer pesquisas. E sempre tinha um livro nas mãos de algum adulto.

Concluo que dessa proximidade surgiu meu gosto pelos livros. Um dos últimos que comprei foi “O Pequeno Príncipe”. Também foi o primeiro livro que me apresentaram. Eu era muito criança, não fazia ideia do que fosse um livro, tão pouco compreendia de maneira clara suas histórias, mas meu dindo o lia para mim, todas as noites. Foi um grande gesto, um gatilho para uma pequena criança crescer. Hoje, me recordo com grande carinho disso.

Finalmente a manhã de trabalho terminou e minhas reflexões fizeram-me pensar que a gente se acostuma a muitas coisas, a gente se acostuma muito fácil. Hoje, leio menos, talvez esteja precisando dos puxões de orelha de D. Eva.

Helen Scheffer Soares (TEC4N, 10/8/22)